
MUSEUS E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL A LAGOA ESCURA DA MEMÓRIA - O ABAETÉ NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES DO BAIRRO DE ITAPUÃ*

Sidélia S. Teixeira **

INTRODUÇÃO

Inicialmente, agradecemos e registramos a nossa satisfação em participar desta conferência, considerando-a, como uma oportunidade de refletirmos acerca dos princípios que norteiam as ações museológicas, nos mais diversos contextos dessa realidade tão complexa, que de uma maneira bastante superficial, mas, historicamente aceita, foi definida como América Latina. Aproveito para parabenizar a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, o Departamento de Museus e Arquivos e o Comitê Nacional Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, bem como o coordenador desta conferência - Dr. Carlos Alberto Dêgelo e toda a equipe organizadora deste evento, tendo em vista as dificuldades que encontramos para organizar congressos dessa natureza, considerando a situação difícil que o nosso país atravessa.

* Conferência Latino Americana de Museus. 20 a 25 de Outubro de 1996
Salvador - Bahia - Brasil

** Professora Auxiliar do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia. Membro do Núcleo Básico do Museu Didático Comunitário de Itapuã.

O tema do presente trabalho versa sobre a problemática que envolve a questão dos Museus e da Preservação Patrimonial. Sendo assim, optamos por trabalhar esses conceitos, de forma que os mesmos pudessem se apresentar, operacionalizados a partir de uma narrativa referente a um trabalho de extensão que estamos desenvolvendo no momento. No entanto, apresentamos algumas reflexões iniciais, com o objetivo de analisar determinadas questões, referentes à contemporaneidade, bem como as perspectivas da Museologia diante deste contexto histórico.

A proposta de trabalho explicitada não apresenta-se concluída, e, muito menos, contém questões fechadas, mas, faz parte de um processo que está sendo construído, tendo como princípio a realização de uma ação museológica, baseada na produção do conhecimento, fundamentada numa relação dialética que envolve teoria e prática, almejando assim, a musealização e a socialização da produção cultural de uma comunidade.

Isto posto, convidamos a todos a navegar no mar da teoria museológica, com a consciência de que enfrentamos mudanças de tempo, tempestades, mas, mesmo assim, encontramos disposição para conhecer, refletir, analisar e, quem sabe, descobrir novas terras e novos horizontes museológicos...

MODERNIDADE, MUSEOLOGIA, MUSEUS E PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

O final deste século é marcado por significativas transformações nas mais diversas sociedades. Discute-se sobre modernidade sob vários pontos de vista muito diferentes, divergentes, no entanto, percebe-se uma determinação muito clara no sentido de lutar por uma nova ordem mundial, sem opressão sem exploração.

Segundo NÓVOA (1993:41) a modernidade é o *"tempo do capitalismo numa dimensão mundial, planetária"*. Observa-se uma economia mundial e cada vez mais a interdependência das nações, ou seja, o desenvolvimento de um sistema econômico, social e cultural mundial. No entanto, a modernidade apresenta uma contradição básica que diz respeito ao fato de técnica e economicamente termos condições de fundar uma nova época, mas social e politicamente somos prisioneiros de uma ordem. Isso significa que ao mesmo tempo que conseguimos inovar no plano técnico-econômico, não conseguimos resolver os problemas das mortes por alimentação precária na infância e na adolescência, da fome e das guerras. A modernidade pois, tem um sentido trágico, no que diz respeito a existência da fome em meio à abundância, da existência de armamentos e guerras que colocam em risco, sobretudo a existência humana.

Verificamos assim, que o capitalismo, no seu estágio atual, apresenta inúmeras contradições, difíceis de serem solucionadas, se partimos do princípio de que as questões

contemporâneas explicitadas são contraditórias ao modo de produção capitalista. Entretanto, vários teóricos propõem algumas abordagens acerca dos caminhos da modernidade. Destacam-se nesse campo: Pierre Broué, Frédéric Mauro e Pierre Fougeyrollas. O primeiro considera que as realidades sócio-política-econômica do Brasil e da Alemanha, apresentam problemas difíceis de serem solucionados a partir das perspectivas neo-liberais, apresentando portanto, elementos fundamentais para a organização de uma nova ordem econômica e social. Frédéric Mauro, por sua vez, defende a tese de que a reorganização do mundo ocorreria fundada sobre sistemas territoriais, e que a condição do sucesso dessa ordem dependeria do equilíbrio entre as unidades territoriais (equivalência das espécies, das populações, dos níveis de vida, dos meios econômicos e financeiros). Pierre Fougeyrollas trabalha com a perspectiva de que na formação dos Estados Nacionais, a nação foi construída baseada numa certa superação da comunidade étnica, para definir a identidade nacional, no entanto, esse processo provocou uma degradação na qualidade de vida das grandes concentrações urbanas, definindo então, no momento presente, um movimento de retorno à terra, ou seja, a busca ou retorno às raízes étnicas.

MAGNAVITA (1992:5) analisando a problemática da modernidade afirma que esta:

“assume a heterogeneidade, a diferença; incorpora a descontinuidade; admite o acontecimento; descarta a “origem”, o “fim” e a utopia. Promove a

contextualização; fragmenta o saber, a verdade, em múltiplos saberes e verdades; reconhece na prática do cotidiano e das manifestações da cultura popular significados relevantes; assume a incerteza, o imprevisível, o paradoxo e a interdisciplinariedade como normas de conduta científica. Privilegia a representação, aimagem e o simulacro, em detrimento do objeto real, com auxílio das novas tecnologias de comunicação e da informação; introduz o princípio da alteridade; eleva o consumo a condição de produção: produz consumo; estetiza o modo de vida na valorização da auto-imagem; despolitiza a vida em relação as grandes mensagens sociais da modernidade; valoriza a luta de segmentos sociais discriminados (minorias étnicas, sociais, etc); adota o terrorismo com prática política. Por fim, promove e mobiliza as grandes massas para o espetáculo(a cultura como espetáculo).

Em relação a esta problemática, verifica-se que as ações museológicas desenvolvidas nas instituições museais , na realidade, com raríssimas exceções, representam uma concepção unilateral, acerca da complexidade dos diversos contextos sócio-culturais que integram às sociedades. Isso significa que os museus, na América Latina, realmente, se apresentam como aparelhos ideológicos do Estado, ou seja, são espaços representativos de uma totalidade única, uniforme, que, normalmente, é definida como memória nacional. Ora, este momento de integração global tem acirrado as necessidades de afirmação dos particularismos étnicos e

culturais, implicando assim, numa redefinição do papel das instituições de preservação patrimonial que hoje tem que conviver com processos claros de afirmação da diversidade. Dessa forma cabe refletir sobre os pressupostos teóricos que fornecem os suportes a uma prática preservacionista capaz de incorporar a diferença.

O movimento pela democratização da cultura iniciado na França, na final dos anos 60 e que teve repercussão em vários países, representou um marco, no sentido de ter contribuído para uma série de reflexões, referentes a função do museu na sociedade. Entretanto, é importante salientar que tal movimento estava estruturado num conjunto de circunstâncias sociais, políticas, econômicas que não nos compete analisar no presente momento, mas que forneceram o suporte necessário para produzir um fenômeno dessa natureza. Em consequência disso, podemos inferir que a dinâmica do processo histórico contribuiu, de forma decisiva, para produzir um conjunto de considerações, relativas ao papel da instituição museológica na sociedade. DESVALLEES (1989) afirma que tais questionamentos tiveram origem no meio científico e popular. Com relação ao primeiro, surgiu na Checoslováquia e conduziu a uma expansão no campo museológico, já o segundo, deu origem aos ecomuseus e a uma expansão da forma museal. Continua ainda o referido autor, demonstrando que ambos se apoiaram numa concepção antropológica de patrimônio que não admite limites, particularmente estéticos que lhe eram geralmente impostos nos meios tradicionais.

Nesse sentido verifica-se que a base dessas discussões está estruturada no conceito de patrimônio cultural, que, atualmente, consideramos como o conjunto de elementos, dotados de valores, pertencentes a um determinado grupo social. A análise de DURHAM (1984: 30) é digna de menção:

”...devemos tentar definir o patrimônio em função do significado que possui para a população, reconhecendo que o elemento básico na percepção do significado de um bem cultural reside no uso que dele é feito pela sociedade. Devemos conceber o patrimônio cultural como cristalizações de um “trabalhador morto” que se torna importante exatamente na medida em que se investe nele um novo “trabalho cultural”, através do qual esse bem adquire novos usos e novas significações”.

Essas reflexões contribuíram para uma ampliação no campo de ação museológica, demonstrando assim, que as sociedades são realidades complexas, diferenciadas e heterogêneas e, portanto, é necessário considerar a diversidade sócio-cultural, sendo fundamental buscar uma alternativa museológica, no sentido de se trabalhar com a realidade de grupos sociais específicos.

Sendo assim, o museu pode ser considerado como espaço de manutenção da memória representativa ou identificada pelos grupos sociais. Desta forma preservar relaciona-se a apropriação do patrimônio cultural pelos sujeitos produtores dos seus respectivos bens culturais,

consequentemente, tem uma conotação política e, apresenta-se como um instrumento para o exercício da cidadania. JEUDY (1990: 32) analisando essa temática, afirma que:

“os sujeitos sociais são então convidados a uma interpretação ativa, a um trabalho de simbolização que deveriam incitá-los a resistir aos determinismos de uma história que exclui suas habilidades e maneiras de pensar”.

Compreende-se assim, a memória como uma referência fundamental para o entendimento acerca da realidade na qual os sujeitos estão inseridos, e que segundo TODOROV (1983:77) deve ser entendida como *“o conjunto de leis, normas e valores que devem ser transferidos de uma geração a outra, para garantir a identidade da coletividade”.*

Preservar, portanto, relaciona-se a perspectiva de se trabalhar com a memória, entendida como a essência da História, numa prática de salvaguarda do passado para a sua utilização no presente. É nesse sentido que LE GOFF(1984:47) afirma que: *devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens*”. Sendo assim, a prática preservacionista possui um cunho absolutamente educativo, na medida em que através da mesma, os sujeitos podem refletir, compreender e transformar a realidade na qual estão inseridos.

Tendo em vista as reflexões apresentadas, entendemos que a ação museológica vincula-se a uma prática de pesquisa

capaz de subsidiar um processo de ação e reflexão, visando o reconhecimento das diversidades sócio-culturais, e, a compreensão de como os diferentes grupos sociais entendem, representam e se apropriam do seu patrimônio. Convém acrescentar que não possui um sentido paternalista, na medida em que, trabalhamos para instrumentalizar os grupos sociais a refletirem criticamente, acerca das suas realidades, permitindo que eles próprios preservem a sua memória entendida como suporte para compreensão das diversas identidades culturais.

A base desta perspectiva museológica é o desenvolvimento social, sendo assim, todo trabalho deve servir para a construção de referenciais fundamentais para a comunidade em questão. Nesse sentido RIVIERI (1978:42) define um tipo de museu como: “ *o espelho onde a população se mira para reconhecer-se, espelho que o povo oferece a seus hóspedes para que eles o conheçam melhor, no respeito por seu trabalho, por seu comportamento, por sua intimidade.*”

É importante considerar que a Museologia apresenta-se como uma disciplina que privilegia as diferenças sócio-culturais. Esse aspecto é digno de menção, pois sempre a política cultural brasileira, procurou uniformizar, homogeneizar a sociedade brasileira, provocando assim, deturpações acerca da compreensão das identidades culturais existentes no nosso país. Além disso esclarecemos que é impossível a aplicação de um modelo sem a devida redução social. Cada realidade possui sua especificidade, daí a inoportunidade de projetos que desconsideram as

peculiaridades do universo sócio-cultural que se pretende atingir.

Desta forma o objetivo central é produzir um tipo de ação museológica capaz de se articular com os anseios das diversas comunidades, buscando refletir sobre as desigualdades e diferenças de modo a garantir a participação dos inúmeros segmentos da população na construção efetiva da sociedade e de sua memória, através das práticas preservacionistas.

O MUSEU DIDÁTICO COMUNITÁRIO DE ITAPUÃ- uma experiência de preservação participativa

O Museu Didático Comunitário de Itapuã foi criado em 1993, pela Prof.a. Dra. Maria Célia Teixeira Moura Santos, professora do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia e, funciona no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no bairro de Itapuã, na cidade do Salvador. A filosofia de trabalho objetiva a participação conjunta de professores, estudantes do 1º., 2º., 3º. graus e pós-graduação bem como a comunidade do bairro de Itapuã, pretendendo através da prática pedagógica, resgatar o seu acervo cultural, contribuindo assim, para recuperação da sua memória social, para que esta venha servir de base a um novo fazer cultural.

A nível estrutural o Museu Didático Comunitário de Itapuã está constituído dos seguintes setores: documentação, comunidade, 1º. grau, 2º. grau, magistério, coordenação, conservação e exposição. Existe um grupo de trabalho

cooperativo composto por professores, alunos e ex-alunos da Universidade Federal da Bahia e do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior e moradores do bairro de Itapuã. O acervo do museu é dividido em duas categorias básicas: **institucional** - documentos, depoimentos orais, fotografias, vídeos; **operacional** - bairro, considerado como espaço de produção cultural.

O BAIRRO DE ITAPUÃ - BREVE TRAJETÓRIA HISTÓRICA⁹

Itapuã situa-se no norte da orla marítima da cidade do Salvador. O vocábulo que dá nome ao bairro é de origem tupi e significa “pedra que ronca”, associando-se ao fluxo das marés nos rochedos. Segundo depoimento de moradores, Itapuã era habitado por índios, sendo que por volta de 1552, foi considerado um posto fortificado com a função de proteger o território baiano das invasões estrangeiras, tendo sido progressivamente ocupado por colonos que se dedicavam a pesca da baleia. Segundo (SILVA,1993:119)

“ A pesca da baleia fazia prosperar fortunas locais e estrangeiras. Por volta de 1768, a cidade do Salvador era iluminada com óleo retirado das baleias, que também era exportado para a Inglaterra, a Espanha e Portugal. Em decorrência do processo de ocupação, Itapuã não demorou para se tornar um entreposto da

⁹ . Esclarecemos que as informações históricas apresentadas são ainda bastante superficiais e genéricas, servindo apenas para fornecer um quadro de referência básica e de indicação de questões a serem investigadas.

pesca e centro polarizador e exportador de mercadorias vindas do recôncavo, além de ser um local para embarque e desembarque de escravos vindos da África”.

A pesca era a atividade econômica fundamental. Na década de 40, Itapuã sofreu significativas transformações, em virtude do projeto de construção do aeroporto 2 de Julho e da avenida litorânea que ligava o bairro às áreas vizinhas. A partir daí, o bairro assumiu a função de área de veraneio da cidade do Salvador. Sendo assim, o processo de ocupação é intensificado, sobretudo na década de 60, com a construção de casas de veraneio, loteamentos e uma grande quantidade de assentamentos, tais como: Nova Brasília e Nova Conquista. O processo de ocupação é acentuado em consequência da implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari e o Centro Industrial de Aratu.

Atualmente, o bairro caracteriza-se como um local residencial e turístico. Segundo o relatório da Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador, do ano de 1995, possui cerca de 36.275hab, numa área de 1.122,92 km². Cerca de 47,41% da população apresenta renda entre 0 e 3 salários-mínimo, 32,34% 3 e 8 salários-mínimo e 14,55% 8 e 20 salários-mínimo. Verifica-se que a população de maior poder aquisitivo situa-se nas áreas litorâneas e os de baixa renda no interior do bairro. Além disso os equipamentos de saúde e educação não são suficientes para atender a população local.

No que diz respeito a organização comunitária o bairro possui as seguintes associações: (Associação dos Moradores de Itapuã, Associação dos Moradores do Abaeté, Grupo Mantendo a Tradição, Itapuã Mulher, Itapuã Dominó Clube, Associação Carnavalesca Malê de Balê e Associação dos Barraqueiros).

A LAGOA ESCURA DA MEMÓRIA - O ABAETÉ NO IMAGINÁRIO DOS MORADORES DO BAIRRO DE ITAPUÃ

No ano de 1995, iniciamos um trabalho no setor de comunidade, procurando articular uma ação conjunta envolvendo alunos e professores do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, bem como membros da comunidade do bairro de Itapuã, numa perspectiva de produção de conhecimento, baseada em aspectos da realidade desses sujeitos. Ao assumirmos a chefia do setor de comunidade, fizemos uma série de reflexões, em torno do que se poderia identificar como comunidade, visto que a proposta do MDCI englobava várias categorias sociais com realidades bastante diferenciadas, a saber: alunos que não moravam no bairro, mas estudavam no colégio; moradores do bairro : alto poder aquisitivo - habitam as áreas litorâneas; baixo poder aquisitivo - interior (áreas de difícil acesso). Sendo assim , definimos, inicialmente, comunidade como o conjunto de pessoas que se identificam com um determinado espaço. Ou seja, no caso do Museu Didático Comunitário de Itapuã, o conceito de comunidade foi definido a partir das relações de

identificação que estudantes do Colégio e moradores do bairro de Itapuã manifestam acerca deste espaço.

O trabalho foi sistematizado de maneira que no primeiro momento, foi realizada uma consulta, através de questionários aplicados com alunos, pais de alunos e moradores do bairro, objetivando detectar assuntos vinculados aos seus interesses. Foi identificado como assunto principal: “As Lendas da Lagoa do Abaeté”.

Esclarecemos que a Lagoa do Abaeté integra o cordão dunar que se estende do litoral norte de Salvador até a cidade de Aracajú. Local de beleza exuberante, mencionada por vários poetas baianos. É conhecidíssima a frase de Dorival Caymmi : “O Abaeté é uma lagoa escura arrodeada de área branca”. Além disso é um local consagrado pelos cultos afro-brasileiros. O Abaeté associa-se diretamente a história do bairro de Itapuã, visto que representa um espaço de referência, onde se desenvolve aspectos da vida em comunidade, a exemplo de atividades de subsistência, lazer, cultos religiosos, etc.

Sendo assim, não é por acaso que existem uma série de estórias que envolve sobretudo o pescador e a lavadeira, mas, que na realidade, representam uma maneira de conceber ou compreender a realidade. Demonstram o modo como as pessoas se relacionam com a natureza, desta forma, o próprio nome Abaeté explicita isso ¹⁰, ou seja, significa terrível,

¹⁰. Edelweiss (19..?) apresenta outro significado para a palavra Abaeté - “índio valente”, o que parece se associar à própria lenda da origem do local.

disforme, espantoso e pavor. Contam os antigos, que o Abaeté surgiu porque existia um índio belo e forte, noivo de uma jovem mulher. Quando se banhava na lagoa, despertava a paixão da mãe-d'água, que, ao saber do seu casamento, arrastou-o para o fundo das águas durante uma destas ocasiões. O corpo nunca foi encontrado. A noiva, após o desaparecimento, principalmente em noites de luar, sentava-se à beira da lagoa para chorar sua perda. Segundo uma das versões para esta lenda, teria sido a própria mãe-d'água que transformou o vestido e a grinalda da noiva nas dunas que contornam a lagoa. Verificamos que além dessas histórias as notícias de morte por afogamentos eram freqüentes, fato este que estimulava o pavor das pessoas com relação à lagoa.

A questão que formulamos é porquê a escolha deste tema ter surgido exatamente no período posterior à edificação de vários equipamentos no entorno da Lagoa, tendo em vista a realização de uma série de atividades culturais promovidas pelo órgão oficial de turismo do governo do Estado e sua fundação cultural, fato este que alterou significativamente a relação dos moradores com o local.

Decidimos assim, desenvolver uma ação nas 5ª e 6ª séries do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, baseada na pesquisa sobre o referido tema, considerando-o, a princípio, como um patrimônio cultural significativo para a compreensão e preservação da memória do bairro de Itapuã. Contamos com a participação de duas estudantes do Curso de Museologia, uma estagiária da Secretaria de Educação e a outra, coordenadora do setor de 1º grau do museu, que

ficaram responsáveis pela disciplina Museologia. É importante registrar que a referida disciplina faz parte do currículo básico do 1º grau.

A atividade está sendo desenvolvida com nove turmas perfazendo, um total de 360 alunos. Inicialmente, foi ministrada uma aula sobre cultura e patrimônio cultural, utilizando como referenciais a vivência do aluno no bairro, em casa, no colégio, etc. Na etapa seguinte, foi organizado uma excursão à lagoa do Abaeté, com o objetivo dos alunos observarem o espaço a ser trabalhado, durante o curso. No final da excursão, os alunos responderam um roteiro de observação sobre a lagoa. Em seguida, foi realizada uma palestra pelo cartunista Paulo Serra, que abordou aspectos históricos relacionados à luta pela preservação da Lagoa do Abaeté. Posteriormente, os alunos, sob a nossa orientação, fizeram entrevistas com membros da comunidade do bairro de Itapuã. Foi elaborado um roteiro de entrevista, incluindo questões relacionadas as lendas da lagoa do Abaeté e a importância sobre a preservação da mesma. Finalmente, está previsto para a primeira semana do mês de Novembro a realização de um seminário, coordenado pelos próprios alunos, no auditório do colégio, envolvendo representantes do bairro, alunos e professores. Pretende-se realizar no final do ano, uma exposição que deverá incluir todas as etapas desse trabalho, na Lagoa do Abaeté.

MODERNIDADE, O MUSEU DIDÁTICO COMUNITÁRIO DE ITAPUÃ E AS LENDAS DA LAGOA DO ABAETÉ

Para encerrarmos, associaremos os conceitos de Modernidade, Museologia com as lendas da Lagoa do Abaeté. Para tanto, verifica-se que os princípios da Museologia, tal como vem sendo definida aqui, se adequam perfeitamente às abordagens dos teóricos mencionados no início do texto. Nesse sentido, as possibilidades e perspectivas da Museologia dizem respeito a uma prática de transformação da realidade, da atuação em um território, objetivando desenvolver ações conjuntas com a comunidade, ao mesmo tempo que propõe a utilização da memória, entendida como um referencial imprescindível para a compreensão das identidades culturais, considerando o patrimônio cultural como a base fundamental para todo desenvolvimento do processo museológico, almejando, em última instância o desenvolvimento social.

Consideramos que as dificuldades são muitas, sobretudo, se destacarmos a interferência do Estado nas instituições museológicas. No entanto, acreditamos que temos que agir comprometidos com a realidade na qual estamos inseridos, procurando valorizar as diferenças culturais, através de trabalhos sistemáticos de pesquisa, visando definir processos de ação e reflexão com os grupos sociais, vinculados a seus interesses, para que, juntos, possamos planejar e encontrar soluções para os problemas de cada realidade especificadamente.

É com essa preocupação que estamos atuando no Museu Didático Comunitário de Itapuã, considerando as lendas da lagoa do Abaeté como um tema representativo da comunidade do bairro de Itapuã, sendo portanto, um patrimônio cultural, carregado de significados que explicitam aspectos da história de um conjunto social que sempre enfrentou mudanças significativas, definidas muitas vezes, sem o seu conhecimento, mas que alteravam relações, estruturadas e definidas historicamente, e, que contribuíam significativamente para especificar culturalmente esse grupo social.

Sendo assim, no momento em que perguntávamos sobre o porquê da comunidade do bairro de Itapuã recorrer a sua memória para explicitar uma série de estórias, até certo ponto, assustadoras, referentes ao Abaeté, visto que existem uma série de programações definidas para o lazer da comunidade, não compreendíamos muito bem qual a relação que poderia existir, ou melhor, o que a comunidade estava querendo dizer com isso, até o momento em que resolvemos coletar informações com seus membros. Foi realizada uma entrevista com um pescador, filho- de- santo, do terreiro de candomblé Ilé Iba Faromin. No momento em que este foi perguntado a respeito da lagoa do Abaeté, seus olhos expressavam uma tristeza profunda, e o mesmo disse: “Profª. tudo aqui mudou. Antigamente, agente entregava os presentes para a mãe-d’água na lagoa do Abaeté, agradecíamos a água porque ela era responsável pela nossa sobrevivência, mas hoje, agente não pode botar nem uma flor na água, que os policiais chegam, tiram agente daí e ainda dizem que nós estamos

poluindo a lagoa. Como é que agente vai destruir a lagoa que representa a morada da nossa orixá mais querida ?”.

A proposta de desenvolver uma ação com os alunos da 5ª e 6ª séries do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, tem como propósito promover uma reflexão acerca do Abaeté no imaginário dos moradores do bairro de Itapuã, estabelecendo que os referenciais construídos , a partir dessa prática participativa, deverão ser colocados à disposição das pessoas para que as mesmas possam utilizá-los como instrumentos para o exercício da cidadania. Assim, os problemas de articulação entre a visão nativa de patrimônio e àquela expressa na ação verticalista do Estado , tendo como alvo a indústria do turismo, revelam a necessidade de um diálogo urgente entre o local e o global referenciado pelo conjunto de significações que as coletividades emprestam ao seu patrimônio, sob pena de vermos as especificidades que dão o colorido especial e fundamental às identidades humanas desaparecerem em nome de um suposto progresso reforçador de desigualdades. É como se o Estado distanciado da sociedade construísse uma identidade para fora que despreza a sua interior diversidade ou a incorpora como simulacro. Preservação deve ser entendida como uma prática política por parte do cidadãos, no sentido de assegurar o direito às especificidades locais, que também devem estar representadas nas instituições museológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESVALLEES, André .A Museologia e os Museus: mudanças de conceitos. Caderno Museológico N°1. Rio de Janeiro:SPHAN.1989.
- DURHAM, Eunice. Cultura, Patrimônio e Preservação. In: **Produzindo o Passado.** São Paulo: Brasiliense,1984.p.30.
- JEUDY, Henry. **Memórias do Social.** Rio de Janeiro: Forense Universitária.1990.p.32.
- MAGNAVITA, Pasqualino. Reflexões sobre o Museu Universitário e a Pós-Modernidade. Texto apresentado no V Fórum de Museologia do Nordeste.p.5. (mimeo)
- NOVOA, Jorge. O Canto do Cisne? Modernidade e Barbárie. In: **A História à Deriva.** Salvador: UFBA, 1993.
- RIVIERI, George. El Museo Territorio. Cuadernos Museologia. Mexico. 1978.p.42.
- SILVA, Paulo Guimarães. Identidade, Territorialidade e Ecologismo: o caso da Lagoa do Abaeté. Caderno CRH. Salvador, n.18,1993, p.119.
- TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América, a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes,1983, p.77.